

OS MISTÉRIOS LUMINOSOS À LUZ DA EXEGESE ATUAL

JOSÉ LUIZ GONZAGA DO PRADO

Introdução

O Papa João Paulo II em sua Carta Apostólica “Novo Millenio Ineunte”, ao iniciar o capítulo sobre o rosto do Cristo a contemplar a partir dos Evangelhos, faz a ressalva: “De fato, os Evangelhos não pretendem ser uma biografia completa de Jesus, segundo os cânones da ciência histórica moderna”.

Para muitos, isso pode soar como novidade, talvez até como escândalo. Então, nem tudo o que está nos Evangelhos é verdade histórica cientificamente exata? Não! É o Papa que o está dizendo? É! Assim, a pergunta que temos de levar aos Evangelhos não é “o que aconteceu?”, mas é “o que o Evangelho quer dizer com isso?”.

O Papa Bento XVI no número 19 da Exortação Apostólica *Verbum Domini* é ainda mais claro e incisivo:

“Quando enfraquece em nós a consciência da inspiração, a gente corre o risco de ler a Escritura como objeto de curiosidade histórica e não como obra do Espírito Santo, na qual podemos ouvir a voz do Senhor e conhecer a sua presença na história”.

Perguntar então à Bíblia o que aconteceu, como aconteceu e se aconteceu mesmo, é tirar dela a presença e ação de Deus!

A partir dessa maneira de ler os Evangelhos vamos abordar aqui os temas dos cinco novos mistérios da vida de Jesus propostos pelo Papa João Paulo II à meditação dos fiéis na recitação do Rosário da Santíssima Virgem Maria.

Para que a meditação seja mais bem fundamentada e mais rica na variedade dos detalhes, vamos analisar cada Mistério a partir dos textos evangélicos, sem confundir a etapa final (os evangelhos atuais) com a etapa inicial (os acontecimentos históricos). Isso é exigência básica do Documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre a interpretação da Bíblia na Igreja¹. O contrário seria cair na interpretação fundamentalista da Bíblia, definitivamente condenada pelo documento emanado do Vaticano.

¹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Paulinas, São Paulo 1994.

Cada pessoa tem sua vida, sua história e suas preocupações pessoais. Cada qual lê de uma forma os acontecimentos, cada pessoa interpreta os fatos a seu modo, segundo o padrão de sua história pessoal. Com os grupos humanos ocorrem fenômenos semelhantes, cada qual lê os acontecimentos à sua maneira, segundo seus princípios e preocupações. Assim cada comunidade ou rede de comunidades cristãs primitivas via na vida de Jesus um espelho dos seus pontos de vista, das suas preocupações, da sua vida.

Em consequência, cada Evangelho tem uma visão diferente do mesmo Jesus e dos mesmos episódios de sua vida. E cada episódio ou “mistério” da vida de Jesus significou um espelho diferente para a comunidade que nos deu este ou aquele Evangelho. Dessa forma, os mesmos “mistérios” ou episódios poderão servir de diferentes espelhos também para nós hoje.

Como foi que cada episódio ou “mistério” da vida de Jesus serviu de espelho para a comunidade que nos deu tal ou qual Evangelho nós poderemos descobrir aqui nestes comentários. Como esse espelho vai servir para tua vida pessoal ou para a tua comunidade cristã de hoje, tu mesmo, leitor, deverás descobrir.

Nota: Ao início de cada comentário colocamos uma sugestão de fórmula para se anunciar o Mistério a ser contemplado

Ao final de cada comentário, vem uma pergunta que, se colocada em forma de um cartaz diante do grupo que reza, poderá ajudar a contemplar aquele Mistério.

Primeiro Mistério Luminoso

O BATISMO DE JESUS

No Primeiro Mistério Luminoso contemplamos como Jesus, companheiro dos pobres e dos pecadores, recebeu o batismo de João, fazendo os céus se abrirem para as novas revelações de Deus e iniciando com humildade e com a força do Espírito a sua missão salvadora.

Introdução

Nós temos três narrativas do Batismo de Jesus. A mais antiga é a do Evangelho segundo Marcos. O Evangelho segundo João não narra o Batismo de Jesus, tem apenas uma pequena alusão, quando faz o Batista dizer que viu o Espírito pousar sobre ele e permanecer. Para esse Evangelho não convinha dizer que Jesus foi discípulo de João Batista.

Para os três primeiros Evangelhos (Marcos, Mateus e Lucas) Jesus começou por baixo, fazendo-se discípulo do Batista. Vejamos como eles narram isso, comparando-os entre si para descobrirmos toda a riqueza que cada um traz. Colocamos os três textos lado a lado para que o próprio leitor possa fazer a comparação. O primeiro é o do Evangelho segundo Marcos, por ser o mais primitivo. Com poucas modificações, transcrevo a tradução da Bíblia da CNBB.

Marcos	Mateus	Lucas
<p>1, ⁹Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galiléia</p> <p>e foi batizado por João, no rio Jordão.</p> <p>¹⁰Subindo logo da água, viu o céu rasgando-se e o Espírito como pomba descendo nele</p> <p>¹¹e uma voz dos céus: “Tu és o meu filho amado; em ti está o meu</p>	<p>3, ¹³Jesus veio, então, da Galiléia até o rio Jordão para se encontrar com João e ser batizado por ele. ¹⁴Mas João queria impedi-lo, dizendo: “Eu é que preciso ser batizado por ti e tu vens a mim?” ¹⁵Jesus, porém, respondeu-lhe: “Por ora, deixa! É assim que devemos cumprir toda a justiça!” E João concordou com ele.</p> <p>¹⁶Depois de ser batizado, Jesus saiu logo da água e o céu se abriu. Ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e pousando sobre ele. ¹⁷Veio, então, uma voz dos céus que dizia: “Este é o meu filho</p>	<p>3, ²¹Quando todo o povo era batizado e Jesus,</p> <p>que havia sido batizado e estava em oração, o céu se abriu, ²²o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal como uma pomba e do céu veio uma voz: “Tu és o meu filho amado, em ti está o meu pleno agrado”.</p>

pleno agrado”.	amado; nele está meu pleno agrado”.	
----------------	-------------------------------------	--

O que é próprio de Mateus

A um primeiro olhar já se nota que o texto de Mateus é mais longo que os outros dois, tem alguma coisa mais entre a chegada e a saída de Jesus. Em Mateus João se recusa a batizar Jesus, diz: “Eu é que deveria ser batizado por ti!”.

Qual terá sido a intenção do evangelista Mateus ao colocar tal diálogo entre Jesus e João antes do batismo? Terá tido algum motivo especial para isso?

– Sem dúvida. É que João Batista não foi uma figura sem importância, deixou discípulos que levaram avante seu movimento mesmo depois que ele morreu. Flávio Josefo, um escritor judeu dessa época, fala de João Batista e da influência que ele teve. Por certo tempo, o movimento batista conviveu com o movimento de Jesus, especialmente com a comunidade que nos deu o Evangelho segundo Mateus.

A Comunidade do Evangelho segundo Mateus era uma comunidade de cristãos judeus e teve contato com os discípulos de João Batista. Para esses, João teria sido uma figura mais importante do que Jesus, pois Jesus também foi discípulo de João, também foi batizado por ele. Ou Jesus seria mais importante do que João? O diálogo entre os dois por ocasião do Batismo de Jesus traz a resposta do Evangelho.

Recusando-se a batizar Jesus, João não quer admitir que ele venha a ser seu discípulo. João é que deve tornar-se discípulo de Jesus, ele é que deve ser batizado por Jesus. A resposta de Jesus dá a explicação: “Por ora deixa!” Por ora... mais tarde seus discípulos deverão tornar-se discípulos meus, os seguidores de João Batista passarão a ser cristãos, é o que a comunidade onde se escreve este Evangelho quer e espera.

“Devemos cumprir toda a justiça”. A palavra Justiça no Evangelho segundo Mateus significa a perfeita realização do Reinado ou Império de Deus e dos critérios desse Reinado. Assim é que Jesus, para estabelecer o Reinado de Deus, não deve começar por cima, impondo-se a João Batista. Não. Começa por baixo, começa como discípulo dele. Esse não é o reinado do mais forte, mais poderoso, mais competente, mais ganancioso. É o reinado do mais humilde e daquele que se doa, que mais plenamente se entrega em favor dos outros. “Cumprir toda a justiça” é, então, ser fiel e coerente aos critérios do Reinado de Deus.

Começo do Evangelho, preparar os caminhos

O Evangelho segundo Marcos apresenta João preparando os caminhos do Senhor como o princípio da Boa Notícia ou Evangelho. João, em Marcos, está consciente de que Jesus é maior do que ele, mas não nota que ele se faz batizar no meio da multidão sofredora que vem reconhecer os seus pecados.

Esse Evangelho diz apenas: “Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galiléia e foi batizado por João”. É apenas mais um homem do povo, pobre e pecador, que João batiza, alguém que veio de Nazaré da Galiléia, da pequena aldeia da região periférica. Os outros dois Evangelhos omitem a referência a Nazaré e Lucas nem à Galiléia faz alusão. Mas para Marcos Jesus veio do fundo do fundo, de Nazaré da Galiléia, nada mais.

Jesus é mais um, apenas mais um, nada tem de especial. O Evangelho segundo Lucas expressou esse envolvimento de Jesus com todo o povo dizendo: “Quando todo o

povo fora batizado e Jesus, que também havia sido batizado...”. Ele não tem qualquer destaque, começa sua missão na maior humildade, como simples discípulo do Batista. Somente quando João Batista é preso (e Lucas fala da prisão de João antes de falar do Batismo de Jesus), Jesus começa a anunciar a chegada do Reinado de Deus e a reunir discípulos. Somente então, ele deixa de ser simples discípulo e passa a liderar um movimento. Somente então, ele passa a realizar a missão para a qual fora consagrado no batismo.

O caminho do Jordão

Só o Evangelho segundo Marcos faz alusão ao rio Jordão. Pelo rio Jordão, segundo a Bíblia, o povo havia entrado na Terra Prometida. Naquela ocasião, os Sem-Terra hebreus que, liderados por Moisés, tinham saído da escravidão do Egito há quarenta anos, segundo a Bíblia, atravessaram o rio Jordão para entrar nas terras de Canaã. Ali estabeleceram uma nação de tribos, um reinado sem rei, reinado do povo, reinado de Deus.

Como Moisés havia morrido, quem os liderou na travessia do Jordão foi Josué, o mesmo nome de Jesus. Segundo a Bíblia, as águas do rio pararam para que o povo pudesse atravessar do deserto para a Terra onde correm leite e mel. A ocupação (invasão ao ver dos cananeus) daquelas terras e a nação de tribos onde só Deus é rei começavam com a travessia do rio Jordão. Agora outro Josué, Jesus, vai começar a estabelecer o Reinado de Deus completo e definitivo, passando pelas mesmas águas.

A missão de Jesus

Qual o significado da missão que Jesus assume com o batismo? No Evangelho segundo Marcos, “subindo da água, viu o céu rasgar-se”. Segundo Mateus, “o céu se abriu” e segundo Lucas, o evangelista da oração, quando Jesus “se pôs em oração, o céu se abriu”. Que significa isso? O céu estaria fechado, lacrado, a ponto de precisar, em Marcos, de uma ação violenta, rasgar-se, para poder se abrir.

Sim, os principais líderes religiosos dos judeus diziam que o céu estava fechado. Céu fechado significava que Deus não falava mais, interrompeu a comunicação com a humanidade. Depois que os últimos profetas se calaram, Deus se fechou, nada mais tem a dizer. Agora é observar escrupulosamente a Lei escrita e oral, manter a velha rotina, pois Deus está definitivamente calado, o que tinha a dizer já disse.

Para Jesus não, o céu agora se rasga, abre-se. Em Jesus, a partir de agora, Deus vai falar novamente, vai de novo se comunicar com a humanidade, vai retomar o diálogo, sair da velha rotina com novas revelações. Agora Deus tem coisas novas a dizer, Jesus vem trazer a novidade da parte de Deus, vem anunciar a boa notícia.

A palavra “evangelho” significa boa notícia. A missão de Jesus é trazer a boa notícia, restabelecer a comunicação de Deus com a gente. O que ele vai falar é novo, é diferente da velha rotina dos mestres fariseus. O céu não pode ficar fechado, Deus não pode ficar calado, ele tem alguma coisa nova, diferente, a dizer. Em Jesus o céu é rasgado para se abrir, Deus volta a falar. Mas qual será a grande novidade que Deus vai falar na pessoa de Jesus?

A grande novidade, o espírito

Viu “o espírito como pomba descer sobre ele” diz Marcos. Que significaria “o espírito”? O espírito com e minúsculo significa o interior mais profundo e mais dinâmico do ser humano e de muitos valores humanos. O espírito pode ser aquela força interior que faz a gente realizar o que seria determinado pela lei, sem precisar de lei. Assim também, espírito pode ser o oposto de lei. Enquanto lei significa as palavras, a letra, o que está escrito, espírito é a intenção mais profunda daquilo que a lei tenta expressar. O espírito vai mais fundo, mas também é mais livre do que a letra da lei.

O céu fechado era o domínio da lei escrita ou oral, interpretada pelos mestres. Deus só havia falado ali. Como agora o céu estava fechado, os mestres controlavam a vida do povo dentro da rotina da lei. O espírito é a fala de Deus no interior de cada um, é a fala de Deus nos acontecimentos do dia a dia. Em Jesus, a novidade que é o espírito substitui a velha rotina da lei. A fala de Deus no interior de cada pessoa liberta do tradicional domínio dos mestres.

O espírito que desce sobre Jesus é, sem dúvida, o espírito de Deus, o espírito que Deus envia aos profetas para descobrirem nos fatos os apelos de Deus. É o espírito que deve enviar ao seu Messias, que de novo vai abrir os céus, fechados após o encerramento oficial da profecia.

Em Marcos “viu o espírito descer como pomba”, esse “como pomba” parece significar apenas “mansamente como uma pomba”. Mateus diz mais claramente que se trata do espírito *de Deus* e, ao *descer*, acrescenta “e pousar”. O espírito do verdadeiro profeta tem de vir e ficar com ele, não basta um momento de inspiração, o espírito deve acompanhá-lo por toda a vida. Já Lucas, que gosta mais das descrições vivas e plásticas, de realidades concretas e milagres visíveis, diz que o “como pomba” significa “na forma ou aparência física de uma pomba”, mais do que a maneira mansa como o espírito “desceu” ou “desceu e pousou”. Lucas define o espírito de Deus como Espírito Santo.

A grande novidade, um messias pobre e sofredor

Além da vinda do Espírito, os três evangelistas falam também da voz de Deus dizendo que Jesus é o seu filho querido, no qual ele encontra seu pleno agrado. As duas expressões vão lembrar os quatro poemas que se encontram no livro de Isaías onde ele descreve a vocação, a missão, o modo de agir e o resultado da vida de um inocente perseguido e massacrado que salva.

Ele é chamado de Servo do Senhor ou Servo de Javé. As afirmações de que *Deus lhe envia seu Espírito* e de que ele é o *seu querido* encontram-se no início do primeiro poema, o que fala da vocação do Servo. A descida do Espírito de Deus e a voz do céu dizem, então, que a missão de Jesus é realizar em plenitude o que está nos quatro poemas ou cânticos do Servo de Javé.

Transcrevo da Bíblia da CNBB os quatro poemas, acrescentando apenas títulos para cada um e mais uma ou outra pequena nota. As conclusões tu mesmo, leitor, vais tirar.

A vocação

42 ¹ *Eis o meu servo¹, dou-lhe o meu apoio.
É o meu escolhido, alegria do meu coração.
Pus nele o meu espírito²,
ele vai levar o direito às nações.
Não grita, não levanta a voz,
lá fora ninguém escuta o que ele fala.
Não quebra o ramo já machucado,
não apaga o pavio já fraco de chama.
Fielmente promoverá o que é de direito,
sem amolecer e sem oprimir,
até implantar o direito no país
e as ilhas distantes aguardarem sua lei.*

A missão

49 ¹ *Escutai-me, terras de além-mar,
povos distantes, atenção!³
Desde o seio materno, o SENHOR me chamou,
desde o ventre de minha mãe, já sabia meu nome.
Fez de minha língua uma espada afiada
que ao alcance da mão ele guardou,
fez de mim uma seta pontiaguda
e em sua aljava me escondeu.⁴
Disse-me: “O meu servo és tu,
Israel, é em ti que vou brilhar”.
E eu que pensava: “Batalhei por coisa alguma,
acabei com minhas forças à toa, por um nada!”.
A minha defesa, entretanto, estava com o SENHOR,
a minha recompensa estava com meu Deus.⁵
E agora o SENHOR vai falar,
ele que desde o útero me vem formando*

¹ A tradução grega chamada dos Setenta Sábios, utilizada pelo Novo Testamento, traduz a palavra “servo” por “garoto”, que corresponde ao nosso antigo “criado”. De menino para filho, como está nos Evangelhos, a diferença é pequena.

² Os pensamentos desse Servo. Aqui no poema da vocação, já há sinais da missão e do modo de agir coerente com o “direito” que o Servo vai implantar.

³ A missão é universal, para todas as nações e para modificar toda a vida das pessoas, por isso começa convocando todos os povos.

⁴ Ele é uma arma, uma ferramenta nas mãos de Deus.

⁵ É de maneira humilde, parecendo e até sentindo-se um fracassado, que ele cumpre sua missão. Mas...

*para que eu seja seu servo,
 de volta traga-lhe Jacó,
 e reúna Israel para ele.
 Fui valorizado aos olhos do SENHOR,
 o meu Deus é a minha força.
 Ele disse: “É bem pouco seres o meu servo
 só para restaurar as tribos de Jacó,
 só para trazer de volta os israelitas sobreviventes,
 quero fazer de ti uma luz para as nações,
 para que a minha salvação chegue até os confins do mundo”.*

O modo de agir

*Deu-me o Senhor DEUS uma língua habilidosa
 para que aos desanimados eu saiba ajudar com uma palavra.
 Toda manhã ele desperta meus ouvidos
 para que, como bom discípulo, eu preste atenção.
 O Senhor DEUS abriu-me os ouvidos,
 e eu não fiquei revoltado, para trás eu não andei.
 Apresentei as costas aos que me queriam bater,
 ofereci o queixo aos que me queriam arrancar a barba
 e nem escondi o rosto dos insultos e dos escarros.
 O Senhor DEUS é o meu aliado
 por isso jamais ficarei derrotado,
 fico de rosto impassível, duro como pedra,
 porque sei que não vou me sentir um fracassado¹.
 Ao meu lado está aquele que me declara justo:
 Quem vai demandar contra mim? Compareçamos juntos.
 Quem será meu adversário? Que venha me enfrentar!
 Eis, meu advogado é o SENHOR Deus:
 quem vai me condenar?
 Eis todos eles apodrecendo qual trapo,
 a traça os vai devorar.*

O resultado final

A. Deus fala

*52¹³ Eis! O meu servo terá êxito,
 vai crescer, subir, elevar-se muito.
¹⁴ De tal forma já nem parecia gente,
 tanto havia perdido a aparência humana,
 que muitos se horrorizaram diante dele,
¹⁵ assim também ele causará espanto à multidão das nações.
 Por sua causa, reis levarão a mão à boca,
 pois estarão vendo coisas que ninguém jamais lhes tinha contado,
 das quais nunca ouviram falar¹.*

¹ É com não-violência ativa que ele age. Resiste à violência e à injustiça para implantar o respeito e a justiça. Sabe o que quer, não tem medo da verdade. Confia, sabe que os adversários são mais fracos.

B. Falam os opressores

- 53 ¹ *Quem vai acreditar na notícia que trazemos?
A quem relatar o poder do Senhor?*
- ² *Crescia diante dele como um broto,
qual raiz que brota na terra seca:
Não fazia vista, nem tinha beleza a atrair o olhar,
não tinha aparência que agradasse.*
- ³ *Era o mais desprezado e abandonado de todos,
homem do sofrimento, experimentado na dor,
indivíduo de quem a gente desvia o olhar,
repelente, dele nem tomamos conhecimento.*
- ⁴ *Eram na verdade os nossos sofrimentos que ele carregava,
eram as nossas dores, que levava às costas.
E a gente achava que ele era um castigado,
alguém por Deus ferido e massacrado.*
- ⁵ *Mas ele estava sendo traspassado por causa de nossas rebeldias,
estava sendo esmagado por nossos pecados.
O castigo que teríamos que pagar caiu sobre ele,
com os seus ferimentos veio a cura para nós.*
- ⁶ *Como ovelhas, estávamos todos perdidos,
cada qual ia em frente por seu caminho.
Foi então que o SENHOR fez cair sobre ele
o peso dos pecados de todos nós”.*
- ⁷ *Oprimido, ele se rebaixou, nem abriu a boca!
Como cordeiro levado ao matadouro
ou ovelha diante do tosquiador,
ele ficou calado, sem abrir a boca.*
- ⁸ *Sem ordem de prisão e sem sentença, foi detido,
e quem se preocupou com a vida dele?
Foi arrancado da terra dos vivos,
ferido de morte pelas rebeldias do meu povo.*
- ⁹ *Sua sepultura foi colocada junto à dos criminosos,
seu túmulo ao lado da tumba dos ricos.
Mas ele jamais cometeu injustiça,
mentira nunca esteve em sua boca.*
- ¹⁰ *Que o sofrimento o esmagasse era projeto do SENHOR.
Se, então, entregar a vida em reparação pelos pecados,
ele há de ver os descendentes,
prolongará sua existência,
e por ele a bom termo chegará o projeto do SENHOR.*
- ¹¹ ² *Em virtude de seus trabalhos ele há de ver
e ficará realizado.*

¹ Até aqui Deus é quem fala. Apesar do fracasso aparente, os poderosos, os que fizeram tanta gente e o próprio Servo sofrer ficarão admirados. Eles vão falar em seguida.

² Agora é Deus quem fala novamente.

*Com a sua experiência, o meu servo, o justo,
 fará que a multidão se torne justa
 pois ele mesmo estará carregando o peso dos pecados dela.
¹² Por isso vou partilhar com ele as multidões,
 como conquista, ele recolherá os fortes,
 pois entregou à morte a própria vida,
 foi contado entre os criminosos.
 Ele, porém, estava carregando os pecados da multidão
 e intercedendo pelos criminosos.*

No corpo dos Evangelhos, especialmente no de Marcos, essa novidade de um Messias que não é um rei vitorioso, mas um escravo sofredor não é bem aceita nem pelos Apóstolos nem pelos discípulos, que representam ali os dirigentes e os fiéis da Igreja atual. Será tão ruim essa novidade? Será tão ruim a salvação vir do pequeno, do fraco, do humilde, do humilhado, do fracassado? É só dos de sucesso que se podem esperar coisas boas?

A grande novidade, boa notícia para os pobres

No Evangelho segundo Lucas o Espírito Santo lembra também outras passagens da Escritura. O início oficial da pregação de Jesus acontece em Lucas num sermão pronunciado na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21). Ali Jesus lê uma passagem do livro de Isaías onde se fala também da vinda do Espírito. A homilia de Jesus é muito simples: “Hoje se realiza aqui essa passagem da Bíblia”.

A passagem lida por Jesus – aliás, combinação de mais de um trecho de Isaías – fala do Espírito que vem ungir o enviado de Deus para que ele anuncie a boa notícia para os pobres. Que boa notícia seria essa? Por que aos pobres e não para todos, pobres e ricos?

A boa notícia é fundamentalmente o anúncio do verdadeiro jubileu. Jubileu é uma legislação que se encontra no capítulo 25 do livro do Levítico e que visa a sanar os estragos de uma atividade econômica livre.

Ao ocupar o país de Canaã as diversas tribos dividiram entre si a terra fértil na maior igualdade possível. Com o decorrer do tempo os mais hábeis e afortunados vão se enriquecendo, enquanto os menos hábeis e mais desafortunados vão perdendo tudo, a ponto de se tornarem escravos.

A cada cinquenta anos, porém, no Ano do Agrado do Senhor, volta tudo à igualdade do princípio. Esse é o objetivo do Jubileu. Nesse ano todas as dívidas são perdoadas, quem, por causa das dívidas, estava preso ou se tornou escravo recupera a liberdade e quem perdeu as terras recupera a gleba perdida. Não há notícias, entretanto, de que o Jubileu alguma vez tenha sido posto em prática.

A proclamação do Jubileu para valer só pode ser boa notícia para os pobres mesmo. Para muitos ricos pode ser até má notícia.

Já no capítulo 61 de Isaías o Jubileu ou “Ano do agrado do Senhor” era boa notícia para a grande maioria do povo, pois todos eram pobres, tinham sido levados para o cativeiro da Babilônia ou ficaram em extrema pobreza e agora (Ne 5) uma pequena minoria rica explorava a grande maioria.

Lucas acrescenta ao início do capítulo 61 que Jesus teria lido na sinagoga de Nazaré, um detalhe do capítulo 35 do mesmo Isaías: “abrir os olhos aos cegos”. Não basta perdoar uma dívida, libertar um escravo ou dar uma gleba de terra, é preciso abrir os olhos aos cegos, levar cada um a ser senhor do próprio destino, a saber orientar-se pelos próprios olhos e também a enxergar mais longe para ver que a pobreza, a fome, a miséria, a escravidão têm as raízes mais profundas na cobiça humana.

A missão que Jesus assume no batismo é de ir à raiz do sofrimento do pobre, é vencer o egoísmo humano como Servo de Javé, messias sofredor. Em vez de ser egoísta, ele dá a própria vida, em vez de violento, é capaz de resistir como vítima da violência, sem desanimar e sem oprimir, mantendo a coerência até o fim, *até implantar a justiça no país*. Só assim Jesus Messias será verdadeira boa notícia para os pobres.

Essa a missão que ele assumiu no seu Batismo.

O nosso batismo se parece com o de Jesus?

Segundo Mistério Luminoso

AS BODAS DE CANÁ

No Segundo Mistério Luminoso contemplamos como Jesus, nas Bodas de Caná, parecendo-se distante da própria mãe, realiza-lhe o sonho de um vinho novo, aliança muito melhor do que a primeira.

DO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

(2,1-11)

No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento assim como seus discípulos. Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe diz: “Eles já não têm vinho!” Jesus lhe responde: “Mulher, que há para mim e para ti? A minha hora ainda não chegou”.

Sua mãe disse aos que serviam: “Fazei tudo o que ele vos disser!”.

Estavam ali depositadas seis potes de pedra destinados às purificações rituais dos judeus. Cada qual cabia duas ou três medidas (cerca de cem litros). Jesus diz aos que estavam servindo: “Enchei os potes de água!” Eles os encheram até em cima. Ele lhes diz: “Tirai agora e levai ao chefe do serviço”. Levaram. Logo que o chefe do serviço provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde é, os que serviam sabiam, eles é que tinham tirado a água – o chefe do serviço, então, chama o noivo e diz-lhe: “Todo mundo serve primeiro o vinho bom e depois que os convidados já estão embriagados serve o pior. Tu, no entanto, guardaste o vinho melhor até agora!”.

Esse início dos sinais Jesus o realizou em Caná da Galiléia. Manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele.

Introdução

A Pontifícia Comissão Bíblica, equipe dos maiores biblistas católicos do mundo que assessora oficialmente a Santa Sé em assuntos de interpretação bíblica, publicou em 23 de abril de 1993 um documento sobre como deve ser a Interpretação da Bíblia na Igreja Católica. O Papa João Paulo II fez o discurso de apresentação oficial do documento e o Cardeal J. Ratzinger, futuro Bento XVI, fez-lhe a Introdução.

De todos os métodos de interpretação e de todas as abordagens da Bíblia, **o documento só condena a leitura fundamentalista, ingênua ou literal, “ao pé da letra”**, como se diz. Por que a condena? Pelos erros a que ela leva quem lê a Bíblia e pelo perigo da atração que ela exerce sobre as pessoas por causa de sua aparência piedosa. Assim, à página 84 da edição publicada pelas Paulinas diz o Documento Pontifício: “O fundamentalismo insiste também de uma maneira indevida sobre a inerrância dos detalhes nos textos bíblicos, especialmente em matéria de fatos históricos ou de pretensas verdades científicas. Muitas vezes torna histórico aquilo que não tinha pretensão de historicidade,

pois considera como histórico tudo o que é relatado ou contado com os verbos em um tempo passado, sem a necessária atenção à possibilidade de um sentido simbólico ou figurativo”.

Assim, vamos primeiro tentar fazer uma leitura do episódio das Bodas de Caná de maneira fundamentalista, buscando apenas a aparência de verdade histórica e, depois, vamos interpretar o mesmo episódio atentos à possibilidade de um sentido simbólico ou figurativo.

Uma abordagem ingênua, histórica e literal

A data não interessa. *No terceiro* dia quer dizer que o acontecimento anterior foi antes de ontem, isso não tem importância, simplesmente aconteceu. A maneira como Jesus e seus primeiros discípulos, em dois dias, vieram do lugar onde João batizava até a Galiléia (uns cem quilômetros em linha reta) não se sabe, nem se pergunta, aconteceu. *Houve um casamento*, uma grande festa sem dúvida, principalmente numa aldeia onde todos se conhecem, são parentes e amigos.

A mãe de Jesus estava lá. Isso soa meio estranho. Por que não se diz que ela foi convidada? Certamente estava ajudando a preparar a festa, devia ser amiga ou parente dos pais do noivo ou da noiva.

Jesus foi convidado. A diferença de situação dele como convidado, enquanto sua mãe estava por dentro da festa, certamente é porque ele já havia saído de casa e já tinha reunido alguns discípulos.

Faltando o vinho. Certamente compareceu mais gente do que os donos da festa esperavam (quantos discípulos e bebedores terão ido com Jesus!) e o vinho acabou antes da hora. Assim muitas Bíblias com mais lógica traduzem “vindo a faltar o vinho”. A comida não terá acabado também? Sei lá! Que apuro para os pais da noiva. Curioso é que o texto nunca fala na noiva nem nos seus pais, que deviam ser os donos da festa. Num casamento daquele tempo o centro era o noivo, por isso só se fala nele.

A mãe de Jesus lhe diz: “Eles não têm vinho!” Porque será que o Evangelista nunca diz “Maria”, o nome próprio da mãe de Jesus? Não importa, ela estava no casamento, estava por dentro, ajudando os donos da festa. Mas agora *Eles é* que não têm vinho? *Não têm vinho* simplesmente, ou, mais lógico, como em muitas Bíblias: “Não têm *mais* vinho”? Isto é, o vinho que os convidados estavam tomando acabou. Maria foi à procura de seu filho porque estava ajudando mesmo na festa e viu que o vinho estava no fim.

Jesus lhe responde: “Mulher... Jesus foi aí, pelo menos, sem educação, senão malcriado! Isso é jeito de um filho falar à própria mãe? *Mulher* naquele tempo poderia soar como hoje “Minha senhora”. Mesmo assim é um pouco estranho nos lábios de um filho dirigindo-se à própria mãe. Mas Jesus pode!

que há para mim e para ti? Essa maneira de falar também não soa bem. Seria o mesmo que dizer hoje: “O que é que eu tenho a ver contigo?” Ou “Tu para lá e eu para cá! Não quero nada contigo!” Não é bem assim que um filho fala com sua mãe, mas Jesus é Jesus, ele tem direito...

Minha hora ainda não chegou. Sem dúvida, a hora de fazer os milagres. Jesus ainda não queria começar a mostrar aquilo de que era capaz, mas Maria sabia que ele era capaz de fazer todo tipo de milagre, por isso é que foi falar com ele da maneira mais discreta possível. Ainda não era a hora dos milagres, mas quem sabe...

Sua mãe disse aos que estavam servindo: “Fazei tudo o que ele vos disser!” Ela já desconfiava que Jesus iria precisar dos que serviam, o pessoal do buffet, para fazer seu

milagre. Todo milagre tem um pouquinho de mágica e na mágica tudo deve ser feito com exatidão senão pode dar errado. Por isso ela mandou que eles obedecessem a Jesus em tudo. Ela estava por dentro da festa, podia mandar e, também, conhecia bem o seu filho...

Estavam ali depositadas seis potes de pedra destinados às purificações rituais dos judeus. Cada qual cabia cerca de cem litros. Que estavam fazendo numa casa particular e no meio de uma festa esses seis potes do ritual dos judeus? Não deveriam estar no Templo, na Sinagoga, em algum lugar público? Por que estavam *ali depositados*, sem uso, vazios? *Seis!* Para que tantos? Potes de *pedra* com capacidade para *cem litros* cada. Imaginem o tamanho, o peso, o trabalho que terá dado, com as ferramentas primitivas daquele tempo, escavar esses potes na pedra! E porque estavam vazios, se deveriam servir para o ritual de *purificação* (passar água nas mãos, passar água em travessas e copos) dos judeus? A Providência previu tudo para o grande milagre que Jesus vai fazer!

Jesus diz aos que estavam servindo: “Enchei os potes de água!” Eles os encheram até em cima. Começa a mágica! Jesus dá ordens precisas e os garçons obedecem, manda encher de água os seis potes e eles os enchem até em cima! Seiscentos litros de vinho a mais para um pessoal que já havia bebido tudo o que os donos da festa tinham prevenido? Quantas pessoas estariam nessa festa de aldeia? Devia ser uma festa grande, de gente rica, certamente, pois havia encarregados do serviço e até um chefe do serviço, como vai aparecer. Estariam presentes trezentas pessoas? Mais dois litros de vinho para cada uma? Seiscentas pessoas? Mais até, ou nem tanto? Jesus estava querendo que todos bebessem até se embriagar? A festa certamente durava vários dias, por isso precisava de tanto vinho. Ou melhor, ele vai mostrar que tem poder, milagre pequeno não vale a pena!

Ele lhes diz: “Tirai agora e levai ao chefe do serviço”. Levaram. A mágica foi simples e grandiosa, bastou encher os seis potes até em cima, que a água se transformou em vinho.

Logo que o chefe do serviço provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde é, os que serviam sabiam, eles é que tinham tirado a água. Se o chefe do serviço soubesse a origem daquele vinho, a água que encheu os potes até em cima, qual teria sido a sua reação? Os que serviam não tiveram qualquer reação, subordinados, só obedeceram. Por que será que o chefe não sabia, quando os subordinados sabiam?

– *o chefe do serviço, então, chama o noivo e diz-lhe: “Todo mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados, então, serve o pior. Tu, no entanto, guardaste o vinho bom até agora!”.* É um absurdo! O chefe do serviço manda no noivo ou é um empregado, alguém contratado pelos donos da festa? O noivo ao lado da noiva (onde está ela?) é o centro da festa. O chefe do serviço, nem vai procurar, *chama* o noivo e cobra dele a ordem na distribuição do vinho.

Espera aí! Esse chefe do serviço não tinha sido contratado exatamente para organizar a distribuição de comida e de bebida na festa? Ele não tinha sido contratado justamente para que os donos da festa e principalmente o noivo e a noiva (onde está ela?) não tivessem que se preocupar com esses detalhes? O Evangelho nada comenta do atrevimento desse chefe do serviço. Certamente era normal, não havia respeito, mesmo!

Esse início dos sinais Jesus o realizou em Caná da Galiléia. Manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele. O Evangelho não fala em milagre, fala em sinal. Deve ser a mesma coisa, pois foi um grande milagre. Foi o início, quer dizer, foi o primeiro de uma série de milagres de Jesus. Aí Jesus mostrou o seu poder, a sua glória, e quem viu teve de acreditar.

Conclusões para a vida prática

Primeira: Rezar muito, pedir tudo a Nossa Senhora, pois se ela pedir a Jesus, mesmo não sendo a hora, ele faz o que ela pede.

Segunda: Jesus santifica o casamento, o sacramento do matrimônio.

Terceira: Jesus gosta de festa, faz tudo para não acabar a alegria da festa.

Leitura a partir de um sentido simbólico ou figurativo

O Documento da Pontifícia Comissão Bíblica, além do trecho que já citamos, traz também uma orientação para que a gente possa chegar ao sentido simbólico ou figurativo dos textos. Na já citada edição das Paulinas isso está nas páginas 50 a 57 e especialmente na página 55. Vamos seguir pelo roteiro que se encontra nessa página 55.

A. Identificação das figuras

Personagens: A mãe de Jesus, Jesus, os discípulos, os que serviam, o chefe do serviço, o noivo. Outros não aparecem.

Tempos ou datas: No terceiro dia, a hora de Jesus.

Lugar: Caná da Galiléia.

Coisas ou objetos: O casamento, seis potes de pedra, água, vinho.

B. O percurso das figuras

A mãe de Jesus estava no casamento, diz que não têm vinho, é chamada de mulher por Jesus, diz “faça tudo...”.

Jesus foi convidado com os discípulos, chama sua mãe de mulher, diz que sua hora..., manda encher as talhas, manda tirar e levar ao chefe.

Os discípulos com Jesus são convidados ao casamento, ao final crêem em Jesus.

Os que serviam obedecem, enchem até em cima, tiram e levam, sabem de onde é o vinho.

O chefe do serviço prova a água transformada em vinho que os que serviam lhe levam, não sabe de onde vem, chama o noivo para perguntar por que deixou o vinho melhor para o fim.

O noivo é questionado pelo chefe do serviço.

No terceiro dia aconteceu o casamento.

A hora de Jesus ainda não chegou.

Os potes de pedra são seis, estavam fora de uso, vazios, foram cheios de água até em cima.

A água que encheu os potes até em cima se transformou em vinho.

O vinho foi provado pelo chefe do serviço que o achou melhor do que o primeiro.

C. O valor temático das figuras

A mãe de Jesus não é simplesmente Maria. A mãe de Jesus é o Israel autêntico, o que há de melhor no povo da Primeira Aliança. Está presente no casamento, representa o povo conquistado por Deus. Desse povo são os primeiros discípulos. Desse povo Jesus é filho e herdeiro assim como os discípulos que vieram depois.

Jesus não é simplesmente o Jesus histórico, é o Jesus ressuscitado, presente nos discípulos. Com Jesus *os discípulos* novos são os convidados do casamento, apenas convidados. Quando o Evangelho é escrito, sessenta anos depois dos acontecimentos, Jesus figura a maioria dos discípulos, aqueles que nele acreditaram e não eram gente dos judeus, o povo da Primeira Aliança, o Primeiro Casamento.

Os que serviam representam os judeus e todas as pessoas de boa vontade que querem servir de verdade.

O chefe do serviço representa o Chefe dos Sacerdotes do tempo de Jesus e as autoridades da instituição judaica do tempo quando o evangelho está sendo escrito, o chamado Judaísmo Formativo.

O noivo, que deixou para o fim o vinho melhor, só pode ser Jesus.

O terceiro dia não é uma simples informação, significa a complementação da primeira semana da atividade de Jesus, que vinha, dia após dia, recrutando discípulos. Ele nos leva ao sexto dia da primeira semana, que tem a ver com a última, quando chega a hora de Jesus e, *ao terceiro dia*, Deus o ressuscita e começa o mundo novo.

Mas, acima de tudo, *o terceiro dia* é o dia do Casamento, da Aliança do Sinai (Ex 19,15-16), a Primeira Aliança.

A *hora* de Jesus não é a hora dos milagres, mas a hora da Cruz-Ressurreição, como frequentemente se diz neste Evangelho.

Caná Com este mesmo som “Caná” há duas palavras em hebraico, uma significa “Conquista”, “Aquisição” a outra, “Ciúme”, “Zelo”. Casar-se na Bíblia se diz adquirir ou conquistar esposa. Significando Conquista ou Ciúme, Caná lembra casamento e casamento de Deus com o povo. Na Primeira Aliança, Deus, o esposo do povo, é chamado muitas vezes de “El Caná”, o Deus ciumento ou zeloso.

da Galiléia, região dos “zelotes”, os zelosos que da Galiléia foram tomar o poder em Jerusalém querendo reformar pela força as instituições religiosas, sociais e políticas do povo da Primeira Aliança. Eles se deram o nome de “*zelotes*”, zelosos ou ciumentos, fiéis ao “El Caná”, o Deus Ciumento.

Casamento vai significar evidentemente a Aliança de Deus com o seu povo, aqui a Primeira Aliança, onde estava a mãe de Jesus. A Segunda será selada na Cruz, na “hora” de Jesus.

Os potes de pedra lembram as tábuas de pedra da lei de Moisés, da Primeira Aliança. São seis, falta alguma coisa, sete é que é o número completo.

Estavam ali depositadas, vazias, sem uso, hoje a lei de Moisés, que deveria organizar o reinado de Deus, levou a uma religião de medo do pecado e da impureza, que precisam de constante purificação. A Lei da Primeira Aliança gravada na pedra transformou-se em mero *ritual de purificação* vazio e sem valor.

A *água* é a rotina e falta de força interior, o medo e, por oposição, o *vinho* é o espírito, a força interior, o entusiasmo e a coragem.

Espelho para a comunidade do evangelista

A rede de comunidades cristãs primitivas que nos deu esse Evangelho teve sua origem no judaísmo e sua história está refletida no Evangelho. O primeiro capítulo fala dos primeiros discípulos. Eram judeus, estavam na Judéia, eram discípulos de João Batista e tinham esperanças iguais à maioria do povo judeu da época. O ideal deles, cada qual em paz ao pé de sua figueira e sua videira, e um Messias nacionalista, “Rei de Israel”, era ainda muito limitado. “Vereis coisas maiores” Jesus lhes diz já no início.

Aqui Jesus transforma a Primeira Aliança ou Casamento na Segunda Aliança. A Lei de Deus que estava escrita nas tábuas de pedra agora estará escrita no coração, no interior de cada um como um vinho que dá ânimo e coragem.

Algum tempo depois, a primeira comunidade recebe a adesão de samaritanos, inimigos históricos dos judeus, e os aceita entre os discípulos de Jesus. Para os samaritanos Jesus não é o Messias esperado só pelos judeus e para os judeus, é o “salvador do mundo”

(Jo 4,42). A partir de então, vai aumentar muito o número dos discípulos não judeus, samaritanos ou outros, e vai surgir e aprofundar-se cada vez mais um conflito com os dirigentes judeus.

Quando o Evangelho é escrito já tinham ocorrido a revolta dos zelotes, a tomada de Jerusalém e a destruição da cidade e do templo. Os Rabinos fariseus já tinham reorganizado o judaísmo tornando-se seus chefes e haviam excluído os cristãos de suas comunidades, negando aos discípulos de origem judaica a sua antiga identidade. Além da insegurança que isso trazia para muitos¹, essa situação provocava crise interna nessas comunidades, poderia haver um racha entre os novos discípulos e os antigos, de origem judaica.

Jesus realiza mesmo uma Nova Aliança, um Novo Testamento? E a Primeira Aliança devia desaparecer? O racha deveria se consumir, voltando os cristãos judeus para o Judaísmo Formativo e os não judeus continuando fiéis a Jesus? Que laços prendiam os novos discípulos à origem judaica da comunidade? Uma leitura orientada pelos valores temáticos de cada figura que aparece no episódio poderá fazer-nos perceber uma resposta a tudo isso.

A leitura pelos valores temáticos

Começando pelo fim, *Esse início dos sinais Jesus o realizou em Caná da Galiléia*. O Evangelho segundo João não fala em milagres, fala em sinais. Milagre é coisa admirável, extraordinária, espantosa. Se você pára o seu carro para admirar o sinal verde, o que vem atrás pode abalroá-lo. Sinal é para orientar a caminhada, não é para ser admirado. A palavra *sinais* já diz como o evangelista quer que se leia a sua estória, não como história ou acontecimento miraculoso, mas como pista e orientação. *Início* não é simplesmente o primeiro de uma série, mas é como o primeiro acorde de uma sinfonia. Os sinais formam um conjunto para mostrar por diversos ângulos quem é Jesus e o que significa comprometer-se com ele pela fé.

Manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele. A glória de Jesus, mais adiante o Evangelho deixará claro, é ser pendurado na cruz. Sua glória é entregar-se livremente à morte, é testemunhar o amor a ponto de dar a vida, é tornar-se uma bandeira de salvação erguida para o alto. *Olharão para aquele que trespassaram (Jo19,37)*. E os discípulos se comprometeram, estão firmes com ele. Assim, este início dos sinais vai se ligar ao último que é a Morte-Ressurreição. E o significado acaba sendo o mesmo.

terceiro dia é o complemento da semana da formação do núcleo inicial das comunidades deste Evangelho. Na última semana de Jesus “terceiro dia” é o primeiro dia do novo mundo, o dia da intervenção salvadora de Deus, da ressurreição de Jesus, dia da Nova Aliança. É o dia do novo começo. E não podemos esquecer que o terceiro é o dia da Primeira Aliança, a Aliança do Sinai (Ex 19,10-11). Então o Senhor deu dois dias para o povo se preparar para o acontecimento fundante de sua história como Povo de Deus, e a Aliança aconteceu no terceiro dia.

houve um casamento... Principalmente depois do casamento fracassado do profeta Oséias, o casamento, feliz ou infeliz, passou a significar a ligação do povo com Deus, através da Aliança. Deus é o esposo ou o noivo e o povo é a esposa ou a noiva. Esse simbolismo vai até ao Apocalipse.

¹ Os Rabinos fariseus conseguiram manter para os judeus o privilégio de não serem obrigados, até sob pena de morte, a praticar o culto ao Imperador. Mas excluíam do privilégio os judeus cristãos, quando os expulsavam de suas comunidades ou sinagogas.

em Caná da Galiléia ... Com o mesmo som de *caná* existem duas palavras hebraicas, uma significa conquista e a outra significa ciúme. Não haveria melhor nome para o local desse casamento. Galiléia é a terra dos zelotes (palavra da mesma raiz de *caná*-ciúme) que há mais de vinte anos, à sua moda, tentaram começar tudo de novo, mas provocaram a destruição de Jerusalém e do templo.

e a mãe de Jesus estava lá... O povo fiel da Primeira Aliança, que ela representa, não podia faltar a esse casamento, pois era a noiva, a esposa, a mulher.

Jesus foi ¹convidado para o casamento assim como seus discípulos. É diferente a situação de Jesus e seus discípulos, principalmente os novos discípulos que nunca fizeram parte da Primeira Aliança. Jesus é filho, mas, como representa também os novos discípulos, é convidado como eles.

Faltando o vinho,... O Evangelho não diz que o vinho acabou, diz que faltava. Faltava vinho naquele casamento, faltava espírito, ânimo, entusiasmo, na Primeira Aliança.

a mãe de Jesus lhe diz: “Eles não têm vinho!” A mãe de Jesus, representando os autênticos fiéis da Primeira Aliança, percebe a falta de ânimo, de coragem, de criatividade, de espírito, de amor, de vinho. Jesus é seu filho, ele também não quer que falte o vinho do amor. A falta de vinho não é culpa dela, ela representa os bons, os fiéis, a culpa é dos dirigentes atuais, *Eles não têm vinho!*

Jesus lhe responde: “Mulher, que há para mim e para ti?...” Mulher seria algo como hoje “Minha senhora”. Noiva, esposa, senhora, mulher. A mãe de Jesus será a noiva da Nova Aliança, do novo casamento. Mas é só na cruz que ele vai se realizar. Enquanto não há entendimento perfeito entre a mãe de Jesus e os novos discípulos, enquanto não se achou o ponto de convergência que vai unir os discípulos judeus com os novos discípulos samaritanos e gentios é bom manter distância. *Que há para mim e para ti* ou entre mim e ti é, na maneira de falar do povo da Bíblia, como “Não quero nada contigo”, um jeito de propor distância, de “pedir um tempo” como se diz. É preciso primeiro encontrar o ponto de convergência que será a Cruz.

A minha hora ainda não chegou. A hora de Jesus tantas vezes lembrada ao longo de todo o Evangelho (7,30; 8,20; 13,1; 17,1.27) é a hora de sua morte ou glorificação. A partir da hora da Cruz que sela a Nova Aliança, a Mãe de Jesus e o Discípulo, a origem judaica daquelas comunidades e os novos discípulos, vão se juntar, o Discípulo assumindo a Mãe de Jesus como coisa sua, como sua mãe. “A partir daquela hora o discípulo a acolheu como sua” (Jo 19,27).

Sua mãe disse aos que estavam servindo: “Fazei tudo o que ele vos disser!” É o que a Mãe de Jesus, o judaísmo fiel, diz a todas as pessoas dispostas a servir. Essas vão contribuir para que seja realidade o vinho da Nova Aliança, do novo casamento. Agora, em vez de só fazerem tudo o que diz Moisés, devem fazer tudo o que Jesus diz.

Estavam ali depositados seis potes de pedra destinados às purificações rituais dos judeus. Cada qual cabia cerca de cem litros. Os potes de pedra que representam a lei da Primeira Aliança escrita em tábuas de pedra, agora estão vazios e sem uso, deixados de lado, simplesmente depositados ali. As Leis de Moisés já não serviam para organizar o reinado de Deus, promover o respeito, a união e a fraternidade entre o povo. Tinham se

¹ Normalmente se insere aqui a palavra *também*. Assim dá-se a entender que a mãe de Jesus também era simples convidada. As edições do Novo Testamento grego trazem aqui a palavra *kai* que significa *e*, mas pode ser traduzida por *também*. Acontece, porém, que a mais antiga cópia deste Evangelho, o papiro Bodmer, não traz essa palavra *kai*.

transformado em meros rituais de purificação, alienados e alienantes. Tinham tomado o desvio do medo de pecado e da impureza legal.

Eram *seis* os potes. Sete é o número da totalidade, da plenitude. Faltava alguma coisa, estava incompleta a Primeira Aliança, o casamento a que Jesus compareceu como convidado.

Cada pote comportava *duas ou três medidas*. A essas medidas se atribui o equivalente a mais ou menos 40 litros, por isso se diz que a capacidade de cada pote era de aproximadamente cem litros. A quantidade exagerada de vinho (e até mesmo de água, numa região tão seca) não significa que Jesus quisesse todos embriagados. Pode significar, isso sim, a fartura dos tempos messiânicos (Is 25,6ss). A expressão ‘duas ou três’ também pode significar simplesmente mais de uma medida.

Jesus diz aos que estavam servindo: “Enchei os potes de água!” Eles os encheram até em cima. Os que estavam servindo, os que serviam, tem significado maior e mais amplo do que os ‘serventes’ ou os ‘garçons’. Mesmo subordinados ao chefe do serviço, que representa os dirigentes atuais do judaísmo, - isto é o que importa - eles estavam a serviço, estavam servindo.

Eles enchem os antigos potes, já vazios e em desuso. Enchem-nos *até em cima*. “Em cima”, “de cima”, no Evangelho segundo João tem um grande significado, sempre tem alguma coisa a ver com Deus. Aqui o sentido duplo: até à boca e até Deus. Mesmo sendo apenas seis, faltando um para a plenitude, os potes da Primeira Aliança, completos, cheios *até em cima*, podem chegar à plenitude, até Deus, e transformar a água em vinho.

Ele lhes diz: “Tirai agora e levai ao chefe do serviço”. Levaram. Logo que o chefe do serviço provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde é, os que serviam sabiam, eles é que tinham tirado a água – A água se transformou em vinho, a Nova Aliança é plenitude da Primeira. Mas os chefes do judaísmo atual, de quando o Evangelho é escrito, não sabem disso, não querem saber, não entendem de onde pode ter vindo esse vinho tão bom. É a pergunta que percorre todo esse Evangelho: “De onde é Jesus?” Os chefes atuais não sabem nem querem saber!

o chefe do serviço chama o noivo e diz-lhe: “Todo mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados, então, serve o pior. Tu, no entanto, guardaste o vinho bom até agora!”. Não preciso mais comentar.

Nós hoje, como a mãe de Jesus, somos capazes de perceber quando a nossa Igreja cai na rotina e falta o vinho do entusiasmo, da animação, da criatividade, fruto da Nova Aliança, que une toda a humanidade ao pé da cruz?

Terceiro mistério luminoso

O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

No terceiro Mistério Luminoso contemplamos como Jesus anuncia pelos seus atos, gestos e palavra, a chegada urgente do reinado, império ou governo de Deus, que deve se sobrepôr ao que hoje manda em nosso mundo, provocando mudança de mentalidade e antecipando a festa eterna do céu.

Introdução

Os três primeiros Evangelhos resumem a pregação de Jesus como anúncio ou boa notícia da chegada urgente do Reinado de Deus. Onde Marcos e Lucas dizem Reino de Deus, o Evangelho segundo Mateus diz Reino dos Céus, pois foi escrito numa comunidade de cristãos judeus, que, por respeito, evitavam utilizar a palavra “Deus” e a substituíam por “Céus”. Em Mateus “Reino dos céus ou de Deus” ocorre 13 vezes; em Marcos, Evangelho mais curto que o de Mateus, ocorre 10 vezes; em Lucas, mais longo que Mateus, 15 vezes. Em João a palavra Reino só aparece cinco vezes. Reino de Deus só na conversa de Jesus com o chefe judeu Nicodemos, no capítulo 3.

No Evangelho de Mateus também a pregação de João Batista se resume em anunciar a chegada urgente do “Reino dos céus”, o mesmo que resume a pregação de Jesus (4,17) e a dos missionários que ele envia (10,7).

Essa pregação exige conversão ou mudança de mentalidade. *Metanoia* é a palavra grega utilizada. Fácil de entender. Quem não sabe que *paranoia* significa algo ligado à cabeça, à mente, à maneira de pensar? E *metamorfose*, quem ignora que significa mudança de forma? Assim *metanoia* só pode ser mudança de cabeça, de mente, de maneira de pensar, de mentalidade. O anúncio do Reino de Deus exige *metanoia*.

O Evangelho segundo Lucas fala da pregação de Jesus e dos discípulos, como Evangelho do Reino de Deus. Evangelho quer dizer Boa Notícia. Anunciar, pregar, falar da Boa Notícia que é o Reinado de Deus!

Tudo isso já está na maneira como Marcos apresenta o ministério de Jesus, que é proclamar “a Boa Nova de Deus”: ‘Completo-se o tempo. O reinado de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Nova!’. Aí, *metanoiar*, converter-se ou mudar de mentalidade, é confiar e comprometer-se com a Boa Notícia.

Que é Reino de Deus?

A palavra Reino pode ter dois significados: O país comandado por um rei ou o poder ou governo de um rei.

Se a gente perguntasse onde fica esse país ou lugar onde Deus é rei, onde Deus manda, as respostas seriam duas: é tudo, o mundo inteiro, o universo inteiro ou, então, esse lugar não existe aqui na terra, só pode ser...

Se Reino significa poder ou governo de Deus e a gente perguntasse quem manda no nosso mundo, teríamos também duas respostas semelhantes. Uma é que Deus é quem manda e governa tudo e a outra é que é o dinheiro, o poder, o orgulho, o mercado, os banqueiros etc., que estão mandando hoje.

Seria interessante perguntar também que diferença faz Deus mandar ou o dinheiro mandar. Outra pergunta seria: Por que é preciso anunciar, por que é uma novidade e uma boa novidade para os pobres, um evangelho, o reinado ou governo de Deus? Deus não manda? Nunca mandou na cabeça e na vida das pessoas? Jamais governou a sociedade humana? Por que será que o reinado de Deus exige conversão, *metanóia*, mudança de mentalidade? O comando de Deus já não está na cabeça das pessoas?

O reinado de Deus na história do povo da Bíblia

Segundo a Bíblia, os hebreus sem terra, depois de fugir da escravidão no Egito, tiveram a experiência marcante de fazer uma aliança com seu Deus Javé, e permaneceram acampados no deserto por quarenta anos, preparando-se para viver uma sociedade sem oprimidos e opressores, sem exploradores e explorados. Quando ocuparam o país de Canaã (invadiram, ao ver dos cananeus), eles se organizaram sem rei, sem governo central. Por quase duzentos anos eram uma confederação de comunidades familiares ou tribos, onde a única autoridade era a autoridade natural dos mais velhos, pais e mães, os “Chefes de família”, ou “Anciãos de Israel”. Problemas comuns eram resolvidos em assembléias dos Anciãos.

As leis que governavam esse povo eram os dez mandamentos: 1º Ter Javé, o Deus dos pobres, como único Deus e 2º não fazer imagens dele para que o dono da imagem não venha a se considerar dono de Deus; 3º não usar o nome de Javé para coisas falsas, para enganar os outros; 4º ter um dia semanal de descanso para lembrar que ninguém mais é escravo (Dt 5,15); 5º honrar pai e mãe, a autoridade familiar, pois o reinado de Javé é o reinado do povo; 6º não matar para se impor aos outros; 7º respeitar o casamento e a família; 8º que o mais forte não explore o mais fraco, não furtar; 9º não dar testemunho público falso, prejudicando os irmãos e prejudicando a justiça; 10º não cobiçar, a grandeza do homem não está na multidão de riquezas nem no número de mulheres que ele possa possuir. Assim, só Deus é o rei, só Deus manda.

Deus, Javé ou o SENHOR era o rei. Quando a assembléia dos Anciãos de Israel pede a Samuel, o principal líder das tribos, que providencie um rei para governá-los como era o costume das nações vizinhas, o SENHOR lhe diz: “Não é a ti que rejeitam, mas a mim, para que eu não reine mais sobre eles” (1Sm 8,7). Ao ver, portanto, dessa passagem, dar a alguém a autoridade de rei seria o mesmo que rejeitar o reinado de Deus.

Veio, porém, a monarquia ou estabelecimento de um governo central, exigência também dos novos tempos, mas o rei, Davi especialmente, era considerado apenas um executor do reinado de Deus. Os outros reis de Israel e de Judá, na prática, abandonaram essa idéia, o poder agora era deles. A situação do povo vai piorando e, a partir de certa altura, para o povo de Judá a esperança passou a ser a de um Filho de Davi, um Ungido ou Messias, que viesse restabelecer o reinado de Deus. Isso se vê claramente em Is 11,1-9 e no

Salmo 72 (71). Os dirigentes, porém, esqueciam o sonho e viviam o realismo político do momento: o poder a quem pode mais.

Isso vai se tornar trágico quando, no Evangelho segundo João, os representantes dos judeus, do povo da Primeira Aliança, povo cujo ideal era ter apenas Deus como rei¹, dizem a Pilatos: “Nós não temos rei, a não ser César!” (Jo 19,15).

As exigências do Reino ou Reinado de Deus

O Reinado de Deus que Jesus anuncia exige antes de tudo a conversão, mudança de mentalidade ou *metanoia* com o foi dito. Poder e dinheiro acabaram tornando-se o deus do nosso mundo. Por causa deles vale tudo, tudo se pode fazer, conquistar dinheiro e poder é o que governa a mente das pessoas. Pode tudo, só não pode perder eleição ou perder dinheiro. “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Esse ‘servir’ significa também cultivar. Os bancos e os shoppings, com todo seu ritual e aparato, são muito mais freqüentados do que as igrejas. Há até igrejas onde o dinheiro é o assunto principal. Mas, se agora Deus é quem deve mandar, é preciso mudar e muito as cabeças. *Metanoiai*, mudai as mentes, que o Reinado de Deus está chegando, precisa chegar.

O Reinado de Deus é dos pequenos, das crianças. ‘Criança’ para nós, hoje, lembra inocência, ingenuidade, simplicidade. São valores que se perdem ao passo em que a pessoa vai entrando numa sociedade governada pela malícia e pela esperteza. Na época dos Evangelhos, entretanto, o que se via nos pequenos, nas crianças, era a obediência e a marginalização. Criança não tinha voz nem vez, só servia para atrapalhar, as crianças nem podiam se aproximar da gente grande. Por isso os discípulos afastavam as que queriam se aproximar de Jesus. E Jesus: “Deixai, delas é o Reinado de Deus! Quem não acolhe o Reinado de Deus como uma criança dessas, não entra nele”. Acolher o Reinado de Deus como o faz uma criança, não é acolhê-lo apenas com simplicidade, é estar pronto a obedecer às novas normas e feliz porque acabou a marginalização.

Nas bem-aventuranças, que iniciam o Sermão da Montanha (Mt 5,1-12), o Reinado de Deus é algo que pertence já, no presente, aos pobres por espírito, isto é, por motivação interior, por opção, e também aos perseguidos por causa da Justiça, que, em Mateus, é outra maneira de se falar do Reinado de Deus. Dos que escolhem a pobreza e dos perseguidos é o Reinado de Deus! E não poderia ser diferente, pois dos gananciosos e dos aplaudidos ‘competentes’ é o reinado do dinheiro!

É claro que nem todos alcançam o significado do Reinado de Deus, nem todos entendem e se dão conta de todas as suas conseqüências práticas. Muitos, aliás, nem são capazes de assumir tudo o que o Reinado de Deus exige. Esses ficam com uma visão superficial, embora capaz de expressar toda a realidade, a esses se fala em parábolas, quem sabe, um dia, venham a entender. Assim, em Marcos 4,11, Jesus explica o significado mais profundo do Reinado de Deus aos que estão perto dele com os doze. Aos de fora fala em parábolas que mostram tudo, mas eles não enxergam e não entendem. É preciso ter intimidade com Jesus para entender o mistério, o significado mais profundo do Reinado de Deus. Quem está de longe ou de fora não é capaz. Como é difícil ao rico entender e assumir, topar, entrar nessa do Reinado de Deus! É mais fácil o camelo passar pelo fundo da agulha...

Que é o Reinado de Deus?

¹ Era também esse o princípio proclamado pelo revolucionário Judas Galileu contemporâneo do Evangelho.

Basicamente é o oposto do reinado de x ou y, chame-se ele dinheiro (“Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”, ter dois padrões diferentes), tenha o nome de Capital, Mercado, Tibério César (“Não temos outro rei a não ser César!”), os grandes especuladores, as corporações transnacionais, ou quem seja. Reinado de Deus é o reinado do povo, o reinado da vida, o reinado da fraternidade, o reinado da colaboração, o reinado do bem coletivo acima do interesse particular, o reinado da justiça, do sacrifício pelo outro em vez da exploração do homem pelo homem etc..

Esse Reinado de Deus é uma realidade deste mundo e do mundo futuro. É uma realidade urgente, que está para acontecer, e contradiz tudo o que aí está, exigindo imediata mudança de mentalidade. É também uma realidade que já está aí, no interior das pessoas (Lc 17,21). Traz um modo diferente de se ver a religião, um modo diferente do costumeiro. Quando alguém fala em religião, normalmente as pessoas pensam em culto, em oração. Para Jesus (Mc12,34) está perto do Reinado de Deus aquele que afirma que o amor vale mais do que o culto e os sacrifícios oferecidos no Templo.

O Reino ou reinado de Deus acontece **neste mundo**. No Pai Nosso do Evangelho de Mateus (6,9-13) vir o reino de Deus é sinônimo de santificar-se o nome de Deus e de acontecer a vontade de Deus, o seu projeto, aqui na terra como se realiza no céu. Segundo Lc 17,21 o Reino não vem com espalhafato, segundo Mc 9,1 ele vem com força, com poder, e muitos dos presentes não de vê-lo chegar. Antes de anunciá-lo é preciso dar uma amostra dele, curar, trazer alívio às dores, derrotar os demônios (Mt 10,7-8). Ele é a solução dos problemas para um povo doente, sofrido e desorientado. Vem para transformar este mundo tão carente.

Não faz barulho, mas vem com força, é como a pequena semente de mostarda que cresce e vira uma árvore, é como a pitada de fermento que faz crescer a massa, é como a semente que brota, cresce e frutifica sem que o agricultor veja ou se esforce para isso. E é também como a descoberta de um tesouro ou de uma jóia pelos quais vale a pena sacrificar tudo o mais.

Acontece neste mundo, **encarnado nas comunidades** dos discípulos, nas Igrejas, com todos os seus valores e defeitos. É como semente que cai no terreno bom e no terreno mau, é lavoura onde o joio cresce no meio do trigo, é rede que pega todo tipo de peixes, bons e maus. As prostitutas e os pecadores, que atenderam à pregação do Batista, entram no Reino de Deus antes das autoridades religiosas (Mt 21,31). Tem Autoridades (Pedro, Mt 16,19) e autoridade (Mt 18,18) para ligar e desligar, fechar ou abrir, excluir ou acolher na comunidade aqui na terra, com confirmação garantida da parte de Deus no céu. Tem autoridades, mas essas autoridades não se podem considerar grandes, ao contrário, maior é o menor, o mais obediente (Mt 18,4). A idéia de reinado ou governo não deve colocar em cena a disputa de poder (Mc 10,41-45) ou levar alguém a se considerar um tirano benfeitor (Lc 22,24-27), pelo contrário, aqui, mestre e senhor é quem se ajoelha diante dos outros para lavar-lhes os pés sujos (Jo13,13).

Chega à plenitude **no mundo futuro**. Onde Marcos e Mateus apresentam Jesus mandando cortar o que leva ao pecado, em Marcos Jesus diz que é preferível entrar com um só olho no *Reino de Deus* e em Mateus diz entrar na *Vida*. O Reino de Deus aqui, então, é o mesmo que a Vida plena e definitiva. Esse Reino é um banquete, é uma festa, onde os Patriarcas estão à mesa e muitos que ninguém esperava estarão ao seu lado, enquanto os que contavam com isso estarão de fora (Mt 8,11). É o reino preparado desde o começo do mundo para todos os que, mesmo sem saber o que isso significava, fizeram o bem aos pequenos e excluídos (Mt 25,34).

O Reinado de Deus anunciado por Jesus
seria ainda uma boa novidade para os nossos tempos?

Quarto Mistério Luminoso A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Neste Quarto Mistério Luminoso contemplamos como Jesus, na montanha de Deus, na presença dos discípulos Pedro, Tiago e João mostrou a sua glória, conversando com a Lei e os Profetas sobre a cruz e seu significado, a fim de fazer-nos assumir o mesmo caminho de salvação.

Introdução

O episódio da transfiguração de Jesus só se encontra nos três primeiros Evangelhos, os chamados sinóticos, Mateus, Marcos e Lucas. No quarto Evangelho, o de João, não existe o episódio. No quarto Evangelho Jesus está transfigurado do começo ao fim, os discípulos vêm constantemente a sua glória, que culmina na morte de cruz.

O contexto literário

Os Evangelhos não são um livro de história, nem uma reportagem fiel, nem um amontoado de relatos de episódios e palavras de Jesus. Na formação dos Evangelhos houve etapas e o já citado Documento da Pontifícia Comissão Bíblica insiste em que não podemos confundir a última, os Evangelhos que temos em mãos, com a primeira, os acontecimentos que se deram em torno da pessoa de Jesus. Os evangelistas tinham um plano, um esquema a seguir no seu Evangelho e esse plano ou esquema importa mais do que a verdade histórica dos fatos.

As quatro etapas da formação dos Evangelhos e como os evangelistas têm um objetivo que os faz organizar seu livro tudo está muito claro na introdução do Evangelho de Lucas. Ele diz nos quatro primeiros versículos do capítulo 1:

*Muitos tentaram escrever a história – 3^a etapa: escritos esparsos
dos fatos ocorridos – 1^a etapa: os acontecimentos
assim como nos transmitiram testemunhas... ministros da palavra - 2^a etapa: tradição oral
decidi redigir um relato ordenado... para que... – 4^a etapa: os Evangelhos atuais.*

Os evangelistas tinham uma coisa na cabeça, tinham a intenção de fazer do seu escrito um espelho para a sua comunidade e souberam organizar os livros que escreveram. Assim, é importante não só ler aquele pequeno texto que interessa, mas é preciso ver

também o con-texto, aquilo que vem junto com o texto, para entender qual a posição do texto no conjunto e captar melhor o seu significado. Só descobrindo o que nos fala o evangelista, descobriremos o que Deus nos diz.

Dessa forma, vamos ver no Evangelho segundo Marcos, o mais original dos três, em que contexto está colocado o episódio da Transfiguração. Esse Evangelho se divide claramente em três partes: Primeira, na Galiléia a formação da comunidade dos discípulos de Jesus; segunda, o caminho com os discípulos para Jerusalém e terceira, em Jerusalém, o conflito final, quando os inimigos matam Jesus, mas Deus o ressuscita ou levanta novamente e manda os discípulos voltarem a se encontrar com ele na Galiléia. O mesmo esquema: Galiléia, caminho, Jerusalém, encontra-se também em Mateus e em Lucas, o último dando um grande destaque ao caminho. Em todos os três, o episódio da Transfiguração está no início da caminhada com os discípulos para Jerusalém, para a cruz.

Antes de colocar Jesus e os discípulos a caminho de Jerusalém e da cruz, Marcos traz o episódio do cego de Betsaida (Mc 8,22-26). É um espelho para a comunidade dele e para nós. Jesus tira o cego da cidade. Na cidade¹, submetido à dominação cultural, ninguém consegue enxergar. Começa a cura, ele ainda confunde gente com árvores. Aos poucos passa a enxergar claro e ao longe. Jesus manda-o ir para a comunidade, a sua casa², e, para não ficar cego novamente, lhe proíbe entrar na cidade, ou permitir que a cidade entre nele. Agora é ver se os que irão com Jesus para Jerusalém enxergam o que significa esse caminho.

No trecho (8,27 a 9,37) onde tem início a caminhada para a cruz, Marcos utiliza o recurso literário chamado retórica semita. É o paralelismo entre as partes de um texto, correspondendo-se na ordem inversa, de modo semelhante a um sanduíche, que aqui teria duas fatias de pão (A e A'), duas de mussarela (B e B') duas folhas de alface (C e C') e no miolo a carne, presunto ou outro. O episódio da Transfiguração, colocado no centro das duas seqüências paralelas ao inverso, é o miolo, mostrando assim a sua importância.

Podemos ver isso esquematicamente da seguinte forma:

- A. Com os discípulos, Jesus pergunta: “Quem sou eu?” (8,27-30)
- B. Anúncio da Paixão (8,31-33)
- C. Com a multidão, “Quem quiser me seguir, pegue...” (8,34-9,1)
- D. A Transfiguração** (9,2-13)
- C'- Com a multidão, “Esse, só se vence com oração...” (9,14-29)
- B'. Anúncio da Paixão (9,30-32)
- A'- Com os discípulos, eles se perguntam: “Quem é o maior?” (9,33-37)

A- Jesus está com os discípulos no norte da Galiléia, perto das nascentes do rio Jordão, muito próximo à divisa com o mundo gentio, em lugar que lembra o domínio romano (Cesaréia) e a família de Herodes (Filipe). Aí ele pergunta aos discípulos sobre a sua identidade. “É o Messias, o Ungido esperado”, afirma Pedro em nome de todos. Aqui, o ponto central do Evangelho de Marcos. Foi essa a proposta do primeiro versículo do Evangelho que será completada pela afirmação do Centurião, ou Sargento do Exército

¹ Aldeia transformada por Herodes em cidade grega, para implantar a cultura global da época.

² Muitas traduções, para esconder a incoerência aparente, não dizem que Jesus o mandou voltar para casa, mas apenas que o despediu.

Romano, um gentio que, depois que Jesus morre na cruz diz: “Ele era mesmo o Filho de Deus!”. Segundo Pedro Jesus é o Messias, sim, mas que Messias é Jesus? (Mc 8,27-30)

B- Ele passa a explicar a paixão, é necessário acontecer, pois está nas Escrituras, que esse Messias sofra muito, seja rejeitado, excluído, eliminado pelas autoridades civis e religiosas do seu povo... Mas Pedro, o mesmo que tomou a iniciativa de falar em nome de todos para reconhecê-lo Messias, não admite isso, um fracasso desses não cabe em sua mente, quer impedi-lo de tocar no assunto. Jesus o adverte e chama de satanás, inimigo. (Mc 8,31-33)

C- Jesus convoca a multidão juntamente com os discípulos. Isto agora é para todos: “Quem quiser me seguir, não faça caso de si mesmo, tome a cruz...”. O que é necessário acontecer com o Messias deverá ser o caminho dos seus seguidores. Quem não estiver pronto a também dar a própria vida,... (Mc 8,34-9,1)

D- Aqui se situa a *Transfiguração*. Fica bem claro qual o seu objetivo: Jesus é o Ungido do Pai, sim, mas, em conformidade com as Escrituras (Moisés e Elias), deve passar pela cruz, tão difícil de aceitar. (Mc 9,2-13)

C’- Quando Jesus, Pedro, Tiago e João voltam para junto dos discípulos, encontram-nos rodeados pela multidão com os intelectuais do judaísmo, os Escribas, em acalorada discussão. É a questão do menino surdo-mudo e epilético ou possuído por um mau espírito, como diziam. Os discípulos não conseguiam curá-lo. O pai, do meio da multidão testemunha a sua fé. Jesus enfrenta o mau espírito, que ataca violentamente o menino e o deixa como morto. “Morreu!” dizem muitos. Não acreditam que ele possa voltar à vida. O mau espírito terá vencido? Não! Jesus toma o menino pela mão e o faz reerguer-se (no grego a mesma palavra utilizada para falar da ressurreição de Jesus!). Em casa, na comunidade, os discípulos devem aprender que só junto de Deus, na oração, é possível afastar esse espírito mau (Mc 9,14-29).

B’- Novamente Jesus fala da Paixão, o assunto grave e importante. Os discípulos, porém, não entendem e têm medo de perguntar. Isso significa que não entendem e não querem entender. Não querem admitir a idéia de um Messias fracassado, nem abandonar o sonho de um Messias sempre vitorioso. (Mc 9,30-32)

A’- No caminho os discípulos vinham discutindo. No caminho para Jerusalém, no caminho para o enfrentamento final e a cruz, certamente discutiam sobre o caminho do Mestre e também deles... Nada disso! Discutiam qual deles seria o mais importante, o mais influente, o de maior poder. Adiantou muito Pedro responder corretamente à pergunta sobre quem é Jesus? A pergunta deles é outra: “Quem sou eu na esfera do poder?”! (Mc 9,33-37)

O pré-texto

Pré-texto é o que vem antes do texto, o que acontecia antes e foi o pretexto, o motivo, o objetivo do texto. O contexto mostrou-nos com clareza que o objetivo do episódio da Transfiguração nos Evangelhos (Mateus e Lucas seguem Marcos de perto) é levar os discípulos a acreditar no fracasso da cruz como caminho do reerguimento, da ressurreição. Não pretende falar tanto da dificuldade em aceitar a morte e humilhação de Jesus, fala da sua conseqüência principal: O discípulo deve tomar a cruz e seguir o Mestre! Não tem intenção de acusar a incompreensão de Pedro e companheiros, quer falar aos dirigentes e fiéis da Igreja de hoje, de quando o Evangelho é escrito. Não tem intenção de ser uma janela para o passado (a primeira etapa, os acontecimentos). Tem por objetivo ser um espelho para hoje, a quarta etapa, quando o Evangelho é escrito. Como diz o pessoal da roça, “está batendo na cangalha para o burro entender!” E queira Deus o burro entenda!

O texto

Cada Evangelho tem um ponto de vista diferente, porque diferentes eram suas comunidades e as situações que viviam. As semelhanças e diferenças aparecem melhor quando olhamos os textos dos três, um ao lado do outro. Marcos vem primeiro por ser o mais antigo. É o texto da Bíblia da CNBB com as modificações necessárias.

MARCOS	MATEUS	LUCAS
<p>9, ²Seis dias depois, Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João e os fez subir a um lugar retirado, no alto da montanha, a sós. Lá, ele foi transfigurado diante deles.</p> <p>³Sua roupa ficou com um branco faiscante, como nenhuma lavadeira na terra conseguiria torná-la assim.</p> <p>⁴Apareceram-lhes Elias com Moisés, conversando com Jesus.</p> <p>⁵Pedro, então, tomou a palavra e disse a Jesus: “Rabi, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. ⁶Na realidade, não sabia o que devia falar, pois eles estavam tomados de medo. ⁷Desceu, então uma nuvem, cobrindo-os com sua sombra.</p> <p>E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu filho amado,</p>	<p>17, ¹Seis dias depois, Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os fez subir a um lugar retirado no alto da montanha. ²Lá ele foi transfigurado diante deles: seu rosto brilhou como o sol e suas roupas ficaram brancas como a luz.</p> <p>³Nisto apareceram-lhes Moisés e Elias, conversando com Jesus.</p> <p>⁴Pedro, então, tomou a palavra e disse a Jesus: “Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”.</p> <p>⁵Ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra.</p> <p>E da nuvem uma voz dizia: “Este é o meu filho amado,</p>	<p>²⁸Uns oito dias depois dessas palavras, Jesus, levando consigo Pedro, João e Tiago, subiu à montanha para orar. ²⁹Enquanto orava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou branca e brilhante.</p> <p>³⁰Dois homens conversavam com ele, eram Moisés e Elias. ³¹Apareceram vestidos de glória e conversavam sobre o êxodo dele, que iria se consumir em Jerusalém. ³²Pedro e os companheiros estavam com os olhos pesados de sono. Quando acordaram, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com ele. ³³E quando eles iam se afastando de Jesus, Pedro disse-lhe: “Chefe, é bom estarmos aqui. Vamos fazer três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Não sabia o que dizia.</p> <p>³⁴Enquanto ele falava, desceu uma nuvem que os cobriu com sua sombra. Ficaram amedrontados ao entrarem na nuvem. ³⁵Da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho, o Eleito,</p>

<p>escutai-o!”.</p> <p>⁸E, de repente, olhando em volta, não viram mais ninguém a não ser Jesus sozinho com eles.</p> <p>⁹Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos. ¹⁰Eles observaram a determinação, perguntando-se a si mesmos o que é esse ressuscitar dos mortos.</p> <p>¹¹Perguntaram a Jesus: “Por que os escribas dizem que primeiro deve vir Elias?”</p> <p>¹²Ele respondeu: “Sim, Elias, vindo primeiro, põe tudo em ordem. E, então, como está na Escritura que o Filho do Homem terá de sofrer muito e ser aniquilado? ¹³Mas eu vos digo também que Elias já veio e fizeram com ele o que quiseram, como está na Escritura a respeito dele”.</p>	<p>nele está o meu pleno agrado. Escutai-o!” ⁶Ouvindo isso, os discípulos caíram com o rosto em terra e ficaram muito assustados. ⁷Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantai-vos, não tenhais medo!” ⁸Os discípulos ergueram os olhos e não viram mais ninguém, a não ser o próprio Jesus sozinho.</p> <p>⁹Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes: “Não faleis a ninguém desta visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos!”.</p> <p>¹⁰Os discípulos perguntaram a Jesus: “Por que os escribas dizem que primeiro deve vir Elias? ¹¹Ele respondeu: “Elias vem, sim, e colocará tudo em ordem.</p> <p>¹²Pois eu lhes digo que Elias já veio e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Assim também o Filho do Homem será maltratado por eles. ¹³Então os discípulos entenderam que eles lhes tinha falado de João Batista.</p>	<p>escutai-o!”. Ao se ouvir a voz,</p> <p>Jesus encontrou-se sozinho.</p> <p>Os discípulos ficaram calados e naqueles dias a ninguém contaram o que tinham visto.</p>
--	--	---

Comparando os textos

Marcos e Mateus colocam o episódio no sexto dia e Lucas, no oitavo. Não o fazem porque tiveram informações diferentes, mas porque olham de maneiras diversas o significado do episódio. O sexto dia lembra o dia da criação do homem, é certamente no contexto da criação de uma nova humanidade que Marcos e, seguindo seus passos, Mateus, querem entender a Transfiguração. Aliás, só os dois usam o verbo transfigurar, metamorfosear. Lucas diz apenas que o rosto de Jesus mudou de aparência. Seu “mais ou

menos” oitavo dia, mostra que ele conhecia o texto de Marcos, mas ele queria lembrar o oitavo, o começo da nova criação do universo, depois do descanso do sétimo, o primeiro dia de novo, o dia da ressurreição de Jesus com seu significado cósmico e até ecológico.

Pedro é aquele que, logo depois de afirmar que Jesus é o Messias, não admite que seja um Messias sofredor, humilhado pelos poderosos. Tiago e João em Mc 10,35-38 (em Mt é a mãe deles e Lucas omite o episódio) pedem a Jesus os primeiros lugares para quando ele chegar ao governo e provocam a luta pelo poder entre os doze.

“Ah! Espelho meu!” diriam os dirigentes da Igreja quando esse Evangelho foi escrito... Os três precisam de uma boa lição, por isso são levados à montanha, sozinhos, à parte (Mc e Mt), ao encontro com Deus (Lc). Em Marcos e Lucas eles já tinham visto Jesus ressuscitar a menina de doze anos, filha do Chefe da Sinagoga. Em Mateus e Marcos os três serão levados também para acompanhar a oração de Jesus no Horto das Oliveiras.

A roupa de Jesus toma um branco excepcional. Roupa ou manto branco, além de ser a veste dos seres celestes, teria o mesmo significado que tem hoje faixa de campeão ou medalha de ouro, era um dos distintivos dos vitoriosos nas competições esportivas. O símbolo é largamente utilizado no livro do Apocalipse e, por que não, também aqui. Apesar do fracasso aparente, Jesus é o vitorioso!

Só Lucas explicita o teor da conversa com Moisés e o Profeta Elias, representantes das Escrituras do Primeiro Testamento, então divididas em Lei de Moisés e Profetas. Conversavam sobre a paixão de Jesus que deveria ocorrer em Jerusalém. O Primeiro Testamento fala de um Messias sofredor que tem o ponto mais alto nos quatro poemas do livro de Isaías já lembrados e transcritos no comentário sobre o Batismo de Jesus. O pensamento de Deus é esse, o que aos três discípulos parece interessar pouco. Em Lucas eles caem no sono.

Lucas fala da morte humilhante de Jesus em Jerusalém para onde caminham, como o Êxodo de Jesus. Ele foi morto fora da cidade. Jerusalém era o centro da Terra onde correm leite e mel. A Terra da liberdade, agora se tornou outro Egito, “a fornalha da escravidão” e não aceita Jesus. Jesus sai de lá como Moisés, liderando um povo que busca a terra da fartura e da liberdade. É difícil, é complicado, é humilhação e morte, mas é a saída, é o novo Êxodo.

A nuvem, a sombra e também o medo de ver Deus lembram a presença de Deus na manifestação do Sinai. O que eles agora devem ouvir é Jesus, a voz da Nova Aliança. Eles não eram capazes de ouvi-lo anunciar a própria morte. Nem entendem como se possa falar em ressurreição dos mortos. Em Marcos, no primeiro anúncio da paixão (8,31-33) Pedro chama a atenção de Jesus, quer impedi-lo de tocar no assunto. No terceiro anúncio (10,35-38) Tiago e João o interrompem para discutir a divisão do poder... Ah! O espelho! “Escutai-o! Escutai-o! Escutai-o!” diz a voz de Deus. E basta isso como chave para entender todo o episódio.

Pedro parece querer colocar Jesus em pé de igualdade com os representantes do Primeiro Testamento. Nada de novo, Jesus é apenas mais um, é igual a Moisés e a Elias. Propõe fazer uma tenda para cada um, que os três se estabeleçam e fiquem aqui. Por outro lado fala por falar, sem saber o que diz ou o que dizer.

Depois de se ouvir a voz de Deus, Jesus se encontra só, sozinho ele resume toda a Escritura. Ele está sozinho com eles, mas, com eles, parece que continua só.

Marcos e Mateus colocam aqui a questão da volta de Elias. Se, por um lado, os escribas diziam que Elias devia voltar antes do Messias, por outro lado, dizer que era para

quando Elias voltasse era o mesmo que dizer para um tempo indefinido ou para o dia de São Nunca.

Dizendo que Elias é João Batista, já morto por Herodes, Jesus reafirma ser o Messias e volta a insistir na atualidade e na realidade da cruz. Em Marcos, no centro da discussão fica a pergunta: Como é que a Escritura diz que o Messias deve sofrer e ser aniquilado?

Hoje a gente não gostaria também de mudar de assunto,
encontrar caminho que não seja o de sacrifício, perseguição, morte e humilhação?
Essas coisas não andam meio fora de moda?

Quinto Mistério Luminoso

A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

No quinto Mistério Luminoso contemplamos como Jesus,
antes de ser entregue por Judas,
entrega-se à morte por nós e nos entrega a tarefa de guardar sua memória
e fazer o que ele fez.

Introdução

Temos quatro narrativas da Instituição da Eucaristia. Mas, além de Marcos, Mateus e Lucas, aquele que registra o fato não é o Evangelho segundo João, o quarto Evangelho. Esse Evangelho, aliás, nem fala da Instituição da Eucaristia, mas isso fica para o final.

Além dos Evangelhos Sinóticos, quem narra também a Instituição da Eucaristia é o Apóstolo Paulo. É o mais antigo testemunho da Tradição da Ceia do Senhor. Paulo fala da Ceia do Senhor no capítulo 11 da Primeira Carta aos Coríntios, ditada no ano 54, enquanto o mais antigo dos Evangelhos, o de Marcos, é do ano 67. O fato é que, pouco mais de vinte anos após a primeira Última, a Ceia do Senhor já era uma Tradição firmada entre os cristãos e sua celebração já caía na rotina e tornava-se problemática. Por tudo isso, a narrativa de Paulo é tão importante e vem em primeiro lugar.

PAULO	MARCOS	MATEUS	LUCAS
<p>1Cor 11, ²³De fato, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: Na noite em que ia ser entregue, o Senhor Jesus tomou um pão ²⁴e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu</p>	<p style="text-align: center;">14,</p> <p>²²Enquanto estavam comendo, Jesus tomou um pão, pronunciou a bênção, partiu-o e lhes deu dizendo: ‘Tomai, isto é o meu corpo’.</p>	<p style="text-align: center;">26,</p> <p>²⁶Enquanto estavam comendo, Jesus tomou um pão e pronunciou a bênção, partiu-o, deu-o aos discípulos e disse: “Tomai, comei, isto é</p>	<p style="text-align: center;">22,</p> <p>¹⁹A seguir, tomou um pão, deu graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de</p>

<p>corpo por vós. Fazei isto em minha memória”.²⁵Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse: “Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em minha memória”.²⁶De fato, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte do Senhor até que ele venha.</p>	<p>²³Depois, pegou o cálice, deu graças, passou-o a eles, e todos beberam. ²⁴E disse-lhes: “Este é o meu sangue da nova Aliança, que é derramado por muitos. ²⁵Em verdade, não beberei mais do fruto da videira até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus”.</p>	<p>o meu corpo”. ²⁷Em seguida pegou um cálice, deu graças e passou-o a eles, dizendo: “Bebei dele todos, ²⁸pois este é o meu sangue da nova Aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados. ²⁹Ee vos digo: de hoje em diante não beberei deste fruto da videira, até o dia em que, convosco, beberei o vinho novo no Reino do meu Pai”.</p>	<p>mim”.</p> <p>²⁰Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que é derramado por vós”.</p>
---	---	--	--

O pré-texto de Paulo

É muito clara e evidente a motivação ou pretexto que leva Paulo a falar na Instituição da Eucaristia. A comunidade eclesial de Corinto é aquela sobre a qual temos maiores informações.

Corinto era uma grande cidade portuária, uma verdadeira esquina do Império Romano. Cidade de grande atividade comercial, ali corria dinheiro. Como sempre, em meio a muita riqueza, havia também uma enorme massa de pobres e miseráveis. Calcula-se que os escravos eram dois terços da população de Corinto, mais de trezentos mil em possivelmente perto de quinhentos mil habitantes¹.

A comunidade eclesial reproduzia o que era a cidade em termos sociais e econômicos. Paulo diz em 1Cor 1,26 que nas comunidades eclesiais dos coríntios havia umas poucas pessoas ricas, da alta classe e sábias, a grande maioria não tinha poder, não tinha nome nem conhecimentos. Havia, assim, um pequeno grupo, chamado de “os fortes”, e a massa dos “fracos”.

A pequena elite dos fortes tinha, porém, grande influência, como sói acontecer. Criou os problemas apresentados na carta que a comunidade enviou a Paulo, além de outros que lhe foram dados a conhecer oralmente e para os quais ele aponta a solução na Primeira aos Coríntios.

Um dos problemas relatados oralmente a Paulo era o da Ceia do Senhor. A celebração se fazia em meio a uma refeição comum normalmente na casa maior de algum dos “fortes”. Preparava-se comida e bebida para a ceia comum e, dentro dessa refeição, celebrava-se a Ceia do Senhor.

¹ Segundo pesquisas mais recentes a população de Corinto não chegava a cem mil habitantes.

Estava acontecendo, contudo, que os ricos, intelectuais e importantes preparavam comidas e bebidas finas e sentindo-se mais em casa, apressavam-se a comer, deixando de lado ou sem aguardar os mais pobres. Os “fortes” ricos, importantes e sábios comiam suas comidas saborosas e bebiam suas bebidas finas, os outros ficavam de lado e quando a maioria dos pobres chegava, nada mais havia para eles, enquanto que os primeiros estavam até embriagados.

A resposta de Paulo é firme. Isso não é mais a Ceia do Senhor (1Cor 11,20), pois enquanto uns estão com fome, outro está embriagado (11,21), os ricos estão se exibindo e humilhando os pobres, que são a comunidade, a Igreja do Senhor (11,22). A Ceia do Senhor celebra a condenação das desigualdades do nosso mundo, mas, aí, está reproduzindo essas mesmas desigualdades, assim, vocês estão “comendo a própria condenação”, esquecidos de que todos juntos formam o Corpo de Cristo (11,29)¹, estão sendo “condenados juntamente com este mundo” (11,32-34).

Paulo passa a falar da Instituição da Eucaristia exatamente para mostrar a incoerência que existia nas celebrações em Corinto. Enquanto uns estão se exibindo à custa da humilhação dos outros, enquanto o orgulho e a ganância dominam as cabeças dos “fortes” e cada qual só está pensando em si, lembramos que o Senhor Jesus se entrega e manda celebrar sua entrega, sua morte e humilhação.

Enquanto os ricos não conseguem partilhar com os pobres suas comidas e bebidas finas, celebramos a partilha que Jesus faz da sua própria pessoa. “Eu me parto em pedaços por vocês”, “podem tirar pedaços de mim” ele dizia ao entregar o pão partido para que cada um tomasse um pedaço.

O mundo de igualdade que esperamos plenamente realizado com a sua vinda, só se prepara e se espera celebrando e participando de sua morte. E isso os coríntios deveriam saber, pois Paulo já lhes havia transmitido o que diz ter recebido do próprio Senhor. Essa, a Tradição com T maiúsculo.

O contexto dos Sinóticos

Paulo não se esquece de que o contexto era o da traição de Judas, “na noite em que ia ser entregue”. Nos Evangelhos sinóticos, Marcos, Mateus e Lucas, a Instituição da Eucaristia se encontra totalmente envolvida no clima da paixão de Jesus. Ele sabe que vão prendê-lo, condená-lo e levá-lo à cruz.

Na última semana do conflito com as autoridades judaicas, ele só entrava na cidade de Jerusalém durante o dia. Agora irá à noite para celebrar a Páscoa. Tudo, especialmente em Marcos, denota uma ação clandestina, como se pode ver no homem que, levando água (tarefa de mulher), sem nada dizer, serve de senha para levar os discípulos à casa onde preparam a ceia.

Ao cair da noite Jesus vai para o local. É a Ceia da Páscoa, quando o cordeiro é sacrificado. Até então fez tudo para escapar das mãos das autoridades, mas agora um dos discípulos vai entregá-lo. Ele fala da traição de Judas e do desejo ardente de celebrar ainda essa Páscoa com os discípulos.

¹ O texto grego de Paulo diz apenas: “sem discernir o corpo”. Alguns acrescentam “de Cristo”, pensando na presença real, mas a preocupação principal de Paulo era outra, era o corpo da comunidade. Pouco adiante, no capítulo 12, ele vai desenvolver bem isso até dizer em 12,27 “Vós sois o corpo de Cristo”.

O clima está preparado. Por vossa causa, “antes que me peguem, antes que Judas me entregue, eu me entrego, não fujo, assumo a violência da morte e a humilhação da cruz. E esse momento deverá ser celebrado! Entrego a vocês a nova Páscoa, a nova Ceia”. Antes de ser entregue ele se entrega à morte e entrega a Eucaristia para que possamos celebrar essa entrega!

Os textos

Os quatro textos falam em *partir o pão*. Aqui, o significado da Eucaristia como partilha, o que em Corinto vinha sendo menosprezado. Mais do que simples repartir o pão, é repartir a si mesmo. Quem presidia uma refeição, depois de rezar a ação de graças ou bênção pelo pão, ele o partia para que cada um tomasse o seu pedaço. É o que Jesus faz. Só que esse gesto de entregar o pão partido para que cada um pegue seu pedaço ganha agora novo significado: “Podem tirar pedaços de mim! Eu me entrego, não fujo!”.

Em Paulo, o texto mais antigo, o simples gesto de partir o pão e entregá-lo acompanhado das palavras “Isto é o meu corpo por vós” já diz tudo. Em Marcos Jesus diz: “Tomai, isto é o meu corpo”. Mateus acrescenta “e comei” o que significa não apenas servir-se, mas alimentar-se também da doação que Jesus faz da própria pessoa. Lucas é muito semelhante a Paulo. Ambos acrescentam aí o “Fazei isso em memória de mim”. “Fazei isso” significaria apenas repetir o gesto ou reproduzir também a atitude?

Sangue na linguagem da Bíblia é sinônimo de vida e de morte. “Sangue de cruz” é morte de cruz, “crime de sangue” é assassinato, “mãos sujas de sangue” estão sujas de ações que prejudicam a vida. Esse símbolo de morte e de vida firmava as alianças antigas, em vez de assinaturas reconhecidas em cartório. Significava ‘morro, mas não deixo de cumprir o combinado!’.

Moisés, no capítulo 24 do Êxodo, ao concluir a Aliança do Sinai, encheu de sangue de animais uma bacia, derramou parte sobre o altar e com a outra aspergiu o povo, dizendo que aquele era o sangue da aliança entre Deus e o povo.

A Primeira Aliança chegou ao fim, já não satisfaz, já não é capaz de realizar o sonho de uma humanidade unida e fiel à proposta de Deus. Esgotou-se, terminou sua tarefa. A Nova Aliança, nos quatro textos, se firma na morte de Jesus, é o que lembra o grande cálice de vinho do qual todos bebem um gole. Beber a fidelidade ou coerência de Jesus até à morte!

Todos os quatro fazem também uma alusão ao mundo futuro, à segunda vinda de Jesus. Lucas faz isso no versículo 18, não transcrito aqui. A Eucaristia celebra não só o passar pela greta aberta pela cruz, mas também o chegar à plenitude do Reinado de Deus. Começa com a partilha, não de suas coisas, mas de si mesmo, e termina na grande confraternização final, no banquete do Reino Celeste.

E João?

O Evangelho segundo João não registra a Tradição da Instituição da Eucaristia, comum a Paulo e aos sinóticos. No lugar, João traz o Lava-Pés. Em vez oferecer o pão partido e o cálice partilhado, Jesus se ajoelha aos pés de cada um, de toalha na cintura e bacia nas mãos. Em vez de dizer “Fazei isto em memória de mim!”, diz “Fazei do jeito que eu fiz!” Em vez de mandar repetir o rito, manda reproduzir a atitude. Significa que essa

comunidade dava mais valor ao significado do que ao significante, queria mais fazer valer o compromisso do que repetir o rito.

Não valorizava a Eucaristia?

Valorizava e muito. O IV Evangelho é aquele que tem o mais longo discurso de Jesus sobre a Eucaristia. E Jesus vai tão fundo que alguns discípulos o abandonam. Até mesmo os Doze vacilam e Jesus pergunta se eles também não o querem abandonar.

Jesus vai fundo. O IV Evangelho, para fazer o leitor mais atento ao significado das palavras de Jesus ou do próprio Evangelho, costuma usar o seguinte artifício: Um personagem (ou grupo deles) faz uma pergunta tola, ridícula, como alguém que entendeu literalmente, ao pé da letra, da forma mais grosseira possível, o que Jesus disse.

Assim é que Nicodemos pergunta se será preciso ficar pequenino e entrar no ventre da mãe para “nascer de novo”. A mulher samaritana pede que lhe dê da água que vira fonte interior, para que ela não tenha mais sede nem precise buscar água. O Evangelista quer dizer ao leitor: “Não seja tão ridículo assim!”.

No capítulo da Eucaristia (Jo 6) são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer?”. Não pensaram no significado de comer a carne de Jesus, perguntaram como aquilo poderia funcionar na sua maneira de ver física e grosseira.

Jesus não responde à questão do **como**, insiste no **significado** e nas conseqüências do comer-lhe a carne e beber o sangue, assumir e alimentar-se da sua doação cotidiana (a carne) e da morte de cruz (o sangue). Parecem ter entendido, pois disseram: “É dura demais esta palavra! Quem a pode suportar?”.

E hoje?

Por séculos discutimos a pergunta tola dos judeus e deixamos de meditar e viver no dia a dia o verdadeiro significado do comer a carne, a doação cotidiana, e beber o sangue, a morte violenta do Cristo. Discutimos, definimos, insistimos, reafirmamos apenas o modo de sua presença. O que significa na prática comer e beber sua morte de cruz parece que não nos interessa.

Transformamos a Eucaristia num objeto, numa coisa mágica e esquecemos ou não tivemos a coragem de assumir o significado dinâmico e vital do comer a carne e beber o sangue do Messias Jesus. Ficamos presos ao rito, ao significante, e deixamos de lado o significado, a vida comprometida. No máximo, adotamos um significado estático, uma presença adorável, divina e nada carnal de Jesus.

Assim ficou de lado o significado dinâmico e comprometedor do comer a sua carne e beber o seu sangue, do aderir a ele, “entrar na dele” que, dando a própria vida e aceitando a humilhação da cruz, tira do mundo a cobiça e o orgulho, o pecado, raiz de todo o mal.

As conseqüências

“É o espírito que dá vida. A carne de nada serve”. “Quem comer deste pão viverá para sempre”. “Se não comerdes a carne nem beberdes o sangue deste ser humano, não tereis a vida em vós”. Não é o engolir uma hóstia que garante a vida. Quando ficamos com o físico, ficamos apenas com a “carne” no pior sentido, falta o espírito, o significado.

Falta o Espírito que Jesus comunica ao acabar de morrer e que é a disposição de morrer com ele em favor da humanidade. Quem se alimenta de sua morte que mata a morte,

este sim, gera vida, traz vida para o mundo, tem vida e garante a própria vida duradoura, definitiva ou eterna.

Você pensa deixar que lhe tirem pedaços? Não?
Então, por que quer comungar?
Você se dispõe a dar o sangue pelos outros? Não?
Então, por que quer comungar?

ÍNDICE

Introdução	1
PRIMEIRO MISTÉRIO	3
SEGUNDO MISTÉRIO	12
TERCEIRO MISTÉRIO	20
QUARTO MISTÉRIO	24
QUINTO MISTÉRIO	30